

Âncora: o xamã da ideologia

UM DOS CONCEITOS, com maior trânsito, atualmente, na Mídia, é o Âncora. A cada momento, a sua pronúncia habita as páginas dos periódicos, caminha pela oralidade radiofônica e se instala na vitrine televisiva. Não é por acaso. Significa uma das mais importantes inovações midiáticas, na década de 90, no Brasil.

Lê-lo, ouvi-lo e escrevê-lo é um ritual, sacramentado no cotidiano. O mesmo conceito, em diferentes espaços midiáticos, tem pronunciado uma polissemia difusa. Há uma instabilidade de sentido, que reivindica uma mínima precisão conceitual. Afinal, quem é o Âncora na Mídia?

Sustentação de Sentido

A palavra Âncora possui a sua referencialidade presa ao universo dos portos. É o instrumento que fixa os navios, dando-lhes estabilidade, mesmo que dentro da água. Chevalier e Gheerbrant (1997: 50) oferecem outras pormenorizações:

“Massa pesada que atua no sentido de fixar o navio, a âncora é considerada um símbolo de firmeza, de solidez, de tranquilidade e de fidelidade...”

Burton e Dimbleby (1990) observam a Ancoragem como uma realidade da mídia. Ela tem a finalidade de sustentação de sentido, fazendo uma valoração da mensagem jornalística.

Os sentidos, propostos por Chevalier e Gheerbrant, Burton e Dimbleby, em suas diferenças, têm afinidades. O Âncora, na Mídia, sustenta o sentido. É o símbolo de firmeza, de solidez, de tranquilidade e de fidelidade.

No Jornalismo Impresso, existem inúmeros recursos de Ancoragem. O título indica o

Roberto Ramos

Doutor em Educação, PUCRS
Professor da FAMECOS/PUCRS

sentido da matéria. A legenda faz o mesmo em relação a foto publicada e de sua respectiva importância.

A localização da matéria é outro recurso. As mais importantes são endereçadas às páginas ímpares. Se não monopolizam todo o espaço, têm notoriedade na abertura da página, o camarote da distinção.

Se não estão unguidas pela estereotípia da importância, não deixam de ser ancoradas. São destinadas às páginas pares, estacionadas no declive da página, sem foto, apertadas, sobrevivendo no troco do espaço, que sobrou.

Tais recursos ganharam maior pertinência, com o advento do Jornalismo, com atividade empresarial. Estão sintonizados com as oscilações da Oferta e da Procura, tendo o Valor de Troca, como o seu código mercadológico.

Todo e qualquer recurso, que indique o sentido de uma matéria jornalística, realiza a Ancoragem. Contribui, para uma melhor compreensão do que está sendo divulgado, facilitando a decodificação, empreendida pelo receptor.

Na década de 50, na televisão norte-americana, com Walter Cronkite, na CBS, o conceito de Âncora é redimensionado. Passa a ser o jornalista, que conjuga duas funções. Ele é o editor-chefe e o apresentador.

Como editor-chefe, monopoliza os processos de seleção e de organização. É a palavra de comando. Decide as questões, que envolvem desde a confecção da pauta até o desaparecimento do último crédito.

Squirra (1993) fez um resgate consistente da trajetória conceitual. Iniciou no Telejornalismo norte-americano e alcançou o nacional. Sustentou que o jornalista Boris Casoy criou um novo modelo, desempenhando as funções de editor-chefe, apresentador e comen-

tarista.

Casoy, no *TJ Brasil*, no SBT, começou adotando o modelo tradicional, norte-americano. Era o editor-chefe e o apresentador, porém chamou para si uma terceira função. Auto-investiu-se na pele de comentarista, estabelecendo um novo paradigma.

Em 1988, o SBT contratou Casoy, para ancorar o *TJ Brasil*. Até então, ele tinha feito carreira, com notoriedade, no Jornalismo impresso. Pediu demissão da *Folha de São Paulo* e se lançou em um novo desafio profissional.

Fundado em 1981, o SBT possui algumas singularidades. Foi resultado da performance peculiar de Senor Abravanel, Sílvio Santos, que, de camelô, se tornou empresário. Iniciou, em 1976, com a TVS, no Rio de Janeiro e, em 1980, ganhou a concorrência pública da divisão do espólio da Rede Tupi de Televisão. Criou sua própria rede: o SBT.

O Programa Sílvio Santos serviu de referencial estético para o SBT. Delineou o perfil da programação, voltada para as classes "D" e "E", utilizando a interpelação emocional, de tons sensacionalistas. O que Sodré (1987) denomina de "Comunicação do Grotesco".

Até 1988, o SBT obteve uma performance admirável. Conquistou o segundo lugar em audiência, perdendo apenas para a Globo, a quarta maior rede de televisão do mundo. O seu crescimento econômico trouxe um impasse. Havia a necessidade, para mantê-lo, de dispor de grandes anunciantes, implicando uma qualificação na programação.

As contratações de Casoy e do humorista Jô Soares foram referenciais. Caracterizaram a busca do grande anunciante, com um avanço qualitativo, mas sem perder a identidade da Comunicação do Grotesco.

Nesse contexto, no caso específico de Casoy, verifica-se uma relação diferenciada. Foi

contratado, tendo a sua própria equipe de trabalho, sem vínculo com o Departamento de Telejornalismo da emissora.

O Telejornalismo, no SBT, não era um gênero primordial. Não tinha a prioridade de investimentos. Traduzia-se somente como um complemento, um acessório, porque a hegemonia do Grotesco era o carro-chefe do vínculo com o seu público-alvo.

Em uma relação terceirizada, Casoy soube ocupar o espaço. Adotando a função de comentarista, perseguia dois objetivos. Buscava uma maior afinidade com o público-alvo do SBT e fazia o contraditório ao padrão Globo, acusado, historicamente, pelos seus compromissos com o conservadorismo nacional.

Casoy compatibilizou-se com o público-alvo da emissora, através do comentário. Emprestou a sua voz e a sua imagem, para se autodecupar em um porta-voz do telespectador, subnutrido pelo baixo poder aquisitivo e pela minúscula bagagem informativa, principal vítima das contradições do desenvolvimento nacional.

Com tal estratégia, ele rompeu com o mito – modelo exemplar, conforme Eliade (1994) – da neutralidade, principal valor do reduto ideológico do Jornalismo Informativo e do padrão Globo. Investiu, pela postura opinativa, na viabilidade de granjear, para si, um perfil crítico, de credibilidade.

O Senso Comum foi uma das fontes, para Casoy dar forma ao seu estilo. Ofereceu-lhe o sabor acrílico dos axiomas, sincretizados, na Mídia, pelos Bordões. Houve a consolidação do “Vai terminar em Pizza”, “Isso é uma vergonha” e “Vamos passar este país a limpo”.

Squirra trouxe contribuições. Resgatou o conceito de Âncora, nos Estados Unidos, e a sua versão brasileira, em um novo estilo. Observou a criação de Casoy pelas funções,

pertinentes à atividade.

Tal abordagem contou com as vantagens e as desvantagens do Funcionalismo. Sediementou, com concretude, o específico funcional da atividade em seu repertório de práticas, porém não teve olhos para o contexto sócio-histórico. Exilou-se de sua inseparável questão ideológica.

Para melhor caracterização, o conceito de Âncora não se soluciona somente pelas funções. Necessita do estudo das questões de Gênero Jornalístico e de contexto sócio-histórico, para dar conta das suas relações dialéticas, que o perpassam.

Âncora Pampeano

Mesmo que o conceito de Âncora tenha ganho notoriedade na Televisão, não se deve restringi-lo a este meio. É, inclusive, impertinente associá-lo, exclusivamente, ao Telejornalismo.

No caso brasileiro, há que considerar o histórico da Televisão. Ela se massificou, explorando profissionais e gêneros, consagrados no Rádio. Foi a viabilidade, encontrada sob o ponto de vista mercadológico.

Em termos gerais, cabe observar a singularidade da Televisão. É um meio multimídia por excelência. Absorveu recursos de outros meios. Buscou a imagem no Cinema, o som no Rádio, e o texto na Imprensa.

Vale recordar as particularidades do Rádio no Rio Grande do Sul. Mesmo antes da Segmentação, as emissoras possuíam um perfil, direcionado para a valorização do Radiojornalismo.

Alguns de seus apresentadores se tornaram paradigmas. Notabilizaram-se pela antiguidade no comando de seus programas. Transitam por diferentes Gêneros Jornalísticos pela credibilidade, sustentada pelo carisma,

ainda que não tenham a função de editor-chefe.

Galia (1997) constatou a presença do Âncora no Rádio gaúcho:

“... A partir disso, é possível afirmar que o estilo, buscado, hoje, pela Televisão, do Âncora, com liberdade de assumir a face da empresa, transmitida pela informação, interpretação e opinião, já é praticado pelos comunicadores do Rádio gaúcho há algum tempo...”

É importante observar as características dos gêneros jornalísticos, ainda que com brevidade. Cabe fixar, dentro da perspectiva do estudo do Âncora, três gêneros: Informativo, Interpretativo e o Opinativo. Oferecem possibilidades de melhor compreensão do processo de ancoragem.

O Gênero Informativo tem, como seu objeto, a notícia. A sua unidade temporal hegemônica é o presente. Sustenta-se no mito da neutralidade, envolvendo os processos de seleção e de organização da mensagem. Nasceu e floresceu na industrialização do Jornalismo, falando para as massas.

De outra parte, o Opinativo está centrado no juízo de valor. Abriga o ponto-de-vista, a cosmovisão de uma subjetividade. Pluraliza o tempo e o espaço. É anterior à industrialização jornalística.

Já o Interpretativo possui, como objeto, o contexto. Reivindica a tridimensionalidade temporal — Passado (antecedentes), Presente (conjuntura) e Futuro (projeção). A sua tarefa é a explicação da factualidade. Procura não apenas mostrar, mas demonstrar a informação. É o filho da preocupação de aproximar o Jornalismo dos postulados da cientificidade.

De acordo com Squirra (1993), o Âncora norte-americano desempenha duas funções

básicas. Ele é o editor-chefe, responsável pelos processos de seleção e de organização das mensagens, e o apresentador.

Na qualidade de editor-chefe, trabalha, hegemonicamente, os Gêneros Informativos e Interpretativos. Seleciona e organiza o material, que será divulgado e estabelece a forma de divulgação.

Como apresentador, ele desenvolve, também, os procedimentos, próprios dos Gêneros Informativo e Interpretativo. No primeiro, lê os lides e chama a intervenção dos repórteres. No segundo, amplia as informações, fornecidas pelo repórter, considerando a tridimensionalidade temporal: Passado, Presente e Futuro.

O Âncora, no modelo tradicional, norte-americano, desempenha duas funções. É o editor-chefe e o apresentador. Trabalha, em consequência, os procedimentos, pertinentes aos Gêneros Informativo e Interpretativo.

Na relação das estruturas informativas e interpretativas, há uma hierarquia. O Gênero Informativo possui a hegemonia, através do seu objeto, a notícia, e do seu mito, a neutralidade.

Casoy, tal qual o modelo tradicional, norte-americano, fixou o seu estilo, sendo editor-chefe e apresentador. Todavia, adicionou-lhe a função de comentarista, monopolizando os Gêneros Informativo, Interpretativo e Opinativo.

O diferencial, no modelo de Casoy, é o Opinativo. Ele chamou para si a atividade do comentarista. Realiza juízo de valor. Expressa a sua visão de mundo. Monopoliza os procedimentos dos três gêneros.

O acréscimo do papel de comentarista traz uma evidência lógica. Diferencia-se do modelo tradicional, norte-americano, rompendo com o mito da neutralidade. Sustenta

que o Jornalismo não é um ente metafísico, acima do bem e do mal, mas imerso pelas águas da parcialização histórica.

Tal ruptura não é o fim da Ideologia — o imaginário, tornado práticas, conforme Althusser (1985). Significa uma outra postura ideológica, que toca o mito da neutralidade pelo mito da independência, em uma postura, idealizada de sujeito.

Casoy teve a possibilidade de romper com a neutralidade, devido à singularidade de seu vínculo com o SBT. Desfrutava de uma equipe própria, desconectada do Departamento de Telejornalismo. Configurou uma relação terceirizada a primeira e mais consequente do Telejornalismo brasileiro.

Para o SBT, o *TJ Brasil* não era uma prioridade. Não integrava o seu elenco de programas, marcados e demarcados pela Comunicação do Grotesco. A ruptura com a neutralidade emblematiza um contraponto à concepção telejornalística da Globo.

Portanto, na compreensão do conceito Âncora, não há como negar ou omitir alguns fatores. A perspectiva dos Gêneros Jornalísticos, para estabelecer e distinguir as funções. Também, vale observar os aspectos do contexto sócio-histórico. O Âncora não deve ser pensado, exilado da questão ideológica.

Âncora Empírico

A Mídia, em geral, refere o conceito de Âncora, com frequência, porém com sentidos variados. Alguns se encaixam no modelo tradicional norte-americano ou no de Casoy; outros escapam de ambos. Favorecem uma mistura conceitual, que merece ser contemplada pelo detalhamento.

Nos modelos de Casoy e norte-americano, existe uma característica básica. É a função de editor-chefe. Contudo, tem se referido como Âncora aquele que não possui a res-

ponsabilidade da edição.

Em quaisquer programa de Rádio ou de Televisão, quem ostenta a prerrogativa de transitar pelos Gêneros Informativo, Interpretativo e Opinativo é designado como Âncora. Entretanto, não se adequa aos dois modelos estabelecidos conceitualmente.

Reticente ao modelo Casoy, mas sem poder ficar à margem das inovações, a Globo buscou uma mediação. Investiu os seus apresentadores, William Bonner e Lilian Witte-Fibe, dos crachás de sub-editores, com direito de expressar opinião esporadicamente.

Eles escrevem, no geral, os seus comentários em determinadas matérias. Priorizam aquelas que o juízo de valor esteja acomodado a um consenso, modulado pela acriticidade da superfície do Senso Comum.

O Jornalismo Opinativo entra em cena não como um instrumento construtor de polêmica. É utilizado, para esterilizar qualquer debate mais profundo, de abordagem crítica. Representa um endosso do óbvio da Ideologia Dominante.

O fato de ser escrito, a priori, por sub-editores é referencial. Está, agradavelmente, modulado pela censura, adequado à submissão da concepção jornalística da emissora, eufemismo que abriga os seus interesses políticos e econômicos.

Tais opiniões, formatadas pelo tom consensual, não ultrapassam o perímetro do Editorial. Esse passou a ter uma delegação singular, escrito e lido por pessoas físicas, mas cujo teor reproduz a Ideologia Dominante, reproduzida pela pessoa jurídica — a Globo.

Na realidade, a Globo mudou, para não mudar. O *Jornal Nacional* não perdeu a liderança de audiência, porém vem sendo derrotado por si mesmo. Os seus índices encolhem cada vez mais, face a novas ofertas informativas.

A procura de uma reciclagem não alterou o padrão Globo de Telejornalismo, apenas o ratificou. O comentário, editorialização, não é novo, mas o formal, para maquiagem a hegemonia do Gênero Informativo, com seu mito de neutralidade.

Verifica-se o surgimento de um novo conceito de Âncora, que escapa das caracterizações dos modelos norte-americanos e de Casoy. O uso da palavra está conectado com outros sentidos. O empirismo da linguagem, pelo viés do neologismo, produz um novo conceito.

É o *Âncora Empírico*.

A denominação *Âncora Empírico* estabelece a fundamentalidade das práticas da fala. Ela tece palavras, reorganiza sentidos, renovando com sua particularidade empírica, as faces rígidas da língua.

O *Âncora Empírico* possui duas manifestações:

– o comunicador, com livre* e indistinto trânsito nos Gêneros Informativo, Interpretativo e Opinativo, sem editor-chefe;

– o comunicador, como sub-editor, desenvolve procedimentos dos três gêneros.

Pfingstag (1997) usou o conceito de *Âncora Empírico*, comparando a ancoragem de Casoy e de Hermano Henning no *TJ Brasil*. Ela concluiu que Henning é um *Âncora Empírico*, não sendo editor-chefe, mas trabalhando, indistintamente, os Gêneros Informativo, Interpretativo e Opinativo.

Dentro da mobilidade da fala, provavelmente, não custarão a aparecer novos sentidos. Por enquanto, cabe a fixação de três conceitos. O primeiro do *Âncora* tradicional norte-americano – editor-chefe e apresentador – desenvolvendo os Gêneros Informativo e o Interpretativo. O segundo, o de Casoy – editor-chefe, apresentador e comenta-

rista – trabalhando o Informativo, Interpretativo e o Opinativo.

O terceiro, o *Âncora Empírico*, sem ser editor-chefe, a sua atividade possui procedimentos indistintos dos Gêneros Informativo, Interpretativo e Opinativo; como sub-editor abrange os três gêneros.

Os três conceitos conseguem anotar a importância do *Âncora*. Ele é filho dileto da relação terceirizada, uma das interfaces da globalização. Monopoliza espaços de decisão, abrangendo os processos de seleção e de organização. É a voz da Ordem.

Antes de ser político ou econômico, o processo da globalização foi cultural. Houve a necessidade inicial da derrubada das fronteiras culturais, para a formação de blocos, unidos por interesses políticos e econômicos.

A Mídia, em geral, e a Televisão, em particular, foram agentes, não-isolados, da homogeneização cultural. Mediaram as diferenças e as singularidades nacionais, através do Valor da Troca, ícone do fetichismo mercantil.

A globalização deixa as suas marcas digitais com vários eventos e adventos. São os casos da Internet, da Informática, do desenvolvimento internacional da Mídia, do Shopping Center e do *Âncora*. Todos águas da mesma fonte, a hegemonia mundial das relações capitalistas de produção.

Os blocos Nafta, Mercosul e Comunidade Européia são a fase sublimada do Imperialismo. Dominadores e dominados, exploradores e explorados sacralizam o faz-de-conta de relações cooperativadas, patrocinadas pelos altos interesses comuns.

O *Âncora* é um produto desta realidade. Ele possui a delegação dos latifundiários da comunicação, para os representar. Simboliza a nova versão eletrônica do ventríloquo. Dis-

simula a voz do comando, mexendo com os lábios. Imuniza a luta de classes, individualizando as questões sociais, o código de sua fala midiática. É o novo Xamã da Ideologia... •

Referências

- ALTHUSSER, Louis. *Os aparelhos ideológicos de Estado*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BURTON, Graeme; DIMBLEDY, Richard. *Mais do que palavras: uma introdução à teoria da comunicação*. São Paulo: Summus, 1990.
- CHAVELIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 11a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 4a. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- GALIA, Magda. "O receptor idealizado pelo discurso radiofônico: uma análise do emissor em *Gaúcha Hoje* e *Flávio Alcaraz Gomes repórter*". Dissertação em Comunicação Social. PUCRS, FAMECOS, Porto Alegre, 1997.
- PFINGSTAG, Patrícia Poeta. "TJ Brasil: a ancoragem de duas faces". Habilitação em Jornalismo. PUCRS, FAMECOS, Porto Alegre, 1997.
- SODRÉ, Muriz. *A comunicação do grotesco*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- SQUIRRA, Sebastião. *Boris Casoy: o Âncora no Telejornalismo brasileiro*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993.